

## A TRADUÇÃO DE POEMAS DE LÍNGUA ALEMÃ NO JORNAL *FOLHA DO NORTE*

### THE TRANSLATION OF POEMS IN GERMAN IN *FOLHA DONORTE* NEWSPAPER

Rúbia de Nazaré Duarte SANTIAGO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho pretende-se estabelecer a prática tradutória como um dos processos formadores da nova poesia paraense. O suplemento *Arte-literatura* da *Folha do Norte* foi um dos mais importantes veículos locais de informação e circulação para os autores iniciantes da região, reunindo poetas e escritores que procuravam uma via de diálogo com os movimentos literários desenvolvidos nos grandes centros do país. Muitos poetas que atuavam no sudeste do Brasil participaram ativamente do suplemento, esta colaboração englobava as traduções que esses autores faziam de textos de outros poetas, como é o caso de Manuel Bandeira, tradutor de Rainer Maria Rilke e Frederich Hölderlin. A publicação de traduções de textos literários de outros países num periódico de Belém foi importante para a circulação de novas ideias e de diferentes propostas estéticas, trazendo novidades à literatura local. No suplemento já citado pode-se compreender o lugar da tradução no processo da consolidação literária paraense.

**PALAVRA-CHAVE:** Literatura; Poesia; Recepção; Tradução.

**ABSTRACT:** *This paper intends to establish the practical translation as one of the formed processes of the new paraense poetry. The supplement Art-literature from Folha do Norte was one of the most important vehicles of information and circulation for*

---

<sup>1</sup> Departamento Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM), Instituto de Letras e Comunicação (ILC), Universidade Federal do Pará - UFPA, CEP 66075-110, Belém, Pará, Brasil, rubiasantiago92@gmail.com.

*the beginners authors of the region, joining poets and writers that found a dialogue with the literary movements developed in the great centers of the country. Many poets who work in the Southeast of Brazil actively participated of the supplement, this collaboration embodied the translations that these authors did of the other poets, for example Manuel Bandeira, translator of Rainer Maria Rilke and Frederich Hölderlin. The publication of the translations of the literary texts of other countries in the newspaper of Belém was important for the circulation of the new ideas and the different aesthetic proposal, bringing news to the local literature. In the supplement, which has already been mentioned, the place of the translation in the process of literary consolidation in Pará can be understood.*

**KEYWORDS:** *Literature; Poetry; Reception; Translation.*

O presente artigo visa analisar e investigar as traduções de poemas de língua alemã publicados no suplemento *Arte-literatura* da *Folha do Norte*. Mas para isso, em primeiro lugar, será esclarecido o contexto histórico no qual o suplemento foi lançado.

Apresentaremos também uma contextualização histórica do surgimento do suplemento em estudo, que circulou de 1946 a 1951, baseada em especial na tese de doutorado de Marinilce Oliveira Coelho, *Memórias literárias de Belém do Pará: o grupo dos novos (1946 – 1952)*, e na dissertação de mestrado de Dawdison Soares Cangussu, *O epicentro do hotel central: arte e literatura em Belém do Pará, 1946-1951*. Assim como em um mapeamento das incidências das traduções de poemas em língua alemã presentes no suplemento da *Folha do Norte*.

Por ultimo será comentada a tradução de Manuel Bandeira do poema “Torso arcaico de Apolo” feita a partir do original em alemão *Archaische Torso Apollos* do poeta praguense Rainer Maria Rilke. Esta análise se torna muito frutífera em vista da preocupação do tradutor em conservar a forma do poema original.

No decorrer dos anos, após o fim das publicações do suplemento da *Folha do Norte*, sua história e organização passaram a ser muito pesqui-

sadas por estudiosos de várias partes do país. No entanto, às traduções contidas em suas várias edições foi dada pouca atenção. A tradução tem um importante papel na formação cultural em diferentes épocas e países, tal como afirma Antoine Berman (2002) em seu livro *A prova do estrangeiro*, e este papel formador esteve bastante presente nas traduções deste suplemento, uma vez que foram publicadas no jornal em um momento de intensas transformações literárias e culturais no Brasil, e também em Belém do Pará.

### Contexto histórico

Segundo Marinilce Coelho (2005), em sua tese de doutorado, intitulada *Memórias literárias de Belém do Pará: o grupo dos novos (1946 – 1952)*, a cidade de Belém, durante a Segunda Guerra Mundial, passou por um isolamento no âmbito da comunicação com as grandes metrópoles do país, isso porque a capital paraense ligava-se ao resto do Brasil apenas por via fluvial e por um sistema aéreo precário. Coelho (2005) afirma também que, nessa época, os movimentos modernistas que já haviam sido iniciados em Belém desde a década de 1920 perderam sua força, em especial pelo fechamento, por motivos financeiros, de importantes revistas como *Terra imatura*, que circulou de 1938 a 1942. Esse isolamento de Belém em relação ao centro-sul do país contribuía para a grande dificuldade de publicação de livros por autores locais.

Com isso, jovens da época, sentindo que não poderiam deixar seu meio literário se estagnar, criaram, em 1942, a Academia dos Novos, um círculo literário de estudantes que se reunia mensalmente para discutir literatura. Nas reuniões do grupo, seus membros recitavam poesias, algumas de sua própria autoria, outras de seus autores preferidos. As reuniões eram feitas nos moldes da Academia Brasileira de Letras, com todas as suas formalidades. Benedito Nunes comenta sobre esse fato em depoimento publicado em 2006 numa plaquete intitulada *Eu e Haroldo*:

[...] decidimos ambos [Haroldo Maranhão e Benedito Nunes] fundar um círculo de defesa e culto do clássico Parnaso, a Academia dos Novos, organizada nos moldes da Academia Brasileira de Letras, unindo-nos a outros inci-

pientes literatos de nossa idade, como, principalmente, Jurandir Bezerra, Alonso Rocha, Max Martins e Antonio Comaru, [...]. De modo que nos tornamos imortais muito cedo e por conta própria (NUNES, 2006, s.p.).

Esse grupo era composto por Alonso Rocha, Benedito Nunes, Jurandir Bezerra, Haroldo Maranhão e Max Martins. Tais jovens eram adeptos ainda dos modelos parnasianos de poesia, e não simpatizavam com os moldes da poesia moderna, assim como também não tinham muito conhecimento sobre este assunto. O historiador Dawdison Cangussu (2010) relata em seu artigo para a revista *Arshistorica* que

Jovens como Benedito Nunes, Haroldo Maranhão, Max Martins e Alonso Rocha, formaram um grupo que representou uma contradição nos discursos dos modernistas, os quais acreditavam que o movimento já havia se instalado em todas as regiões e que todos os jovens ao tomarem conhecimento de literatura já se pendiam para a liberdade de expressão modernista. O fato é que esses jovens moradores de Belém não eram modernistas, e sim parnasianos. Buscaram, em plena década de 1940 [...] nos moldes da Academia Brasileira de Letras, o seu rumo e ritmo literário eivado das formalidades parnasianas (CANGUSSU, 2010, p.26).

Dawdison (2010) explica também que, três anos depois da criação da Academia dos Novos, o jovem Max Martins, conversando com um aluno do professor Francisco Paulo Mendes, vem a conhecer a poesia moderna. Ele leva tais conhecimentos à Academia, e não é muito bem recebido com a novidade. Após esse fato, ele decide sair do grupo e adota as propostas estéticas da poesia moderna; pouco tempo depois, o círculo literário é fechado, porque os outros membros do grupo seguem o mesmo caminho de Max Martins.

Assim, passado um tempo deste acontecimento, os antigos membros da Academia dos Novos juntam-se a Mário Faustino, Paulo Plínio Abreu, Rui Guilherme Paranatinga Barata e Francisco Paulo Mendes, e formam

outro grupo literário, o chamado Grupo dos Novos. Nessa época, Haroldo Maranhão lança, no dia 5 de março de 1946, o suplemento *Arte-literatura* no jornal *Folha do Norte*. Agora, esses jovens integrantes do Grupo dos Novos, já adeptos do Modernismo, publicavam no suplemento textos dessa vertente literária. Tal fato foi de grande importância para a época, pois como afirma Dawdson Cangussu (2010, p.26) em seu artigo “o modernismo já havia se tornado matéria nos compêndios escolares”, e agora estava sendo reintroduzido no Estado a partir do suplemento. Além disso, foi de importância maior o fato de que o suplemento divulgou em massa os poemas de autores locais que antes eram escritos em máquina de escrever e circulavam apenas pelas mãos dos membros da Academia dos Novos. Assim, esses autores passaram a ser conhecidos regional e nacionalmente, e seus textos ganharam grande prestígio e circulação em todo o país.

O suplemento literário da *Folha do Norte* tornara-se o lugar da poética dos novos poetas. Era também um instrumento de atualização da literatura local, pois, através dele, escritores locais travaram contato com diversos artigos de escritores de várias regiões do país e também do exterior.

O suplemento exprimira um sentimento geracional de renovação na medida em que oportunizou a esses jovens exporem seus poemas modernos e, ao mesmo tempo, colocou-os em constante contato com o que havia de mais moderno na literatura mundial (CANGUSSU, 2010, p. 29).

Nesse suplemento eram publicados contos e poesias de autores locais, nacionais e internacionais, assim como temas relacionados à Filosofia da Existência e aos novos grupos literários que surgiam no país. Os textos de autores internacionais, geralmente poesias, eram publicados na *Folha do Norte* traduzidos por escritores locais ou por escritores de outras regiões do Brasil - alguns desses textos publicados com exclusividade para a *Folha do Norte*, como é o caso do poema *Sombras da violência* de Gerhart Hauptmann, traduzido, do alemão, por Manuel Bandeira

-, e também eram publicadas traduções feitas por autores portugueses retiradas de livros já publicados no Brasil ou em Portugal.

O suplemento em estudo foi responsável por renovar a comunicação entre Belém e o resto do Brasil e do mundo, pois estabeleceu uma relação entre o modernismo local e o internacional. Serviu também para renovar a literatura local, agora com temas que estavam em alta fora do país, como a Filosofia Existencialista. Tal tema era muito difundido no jornal, em especial em poesias traduzidas de Rainer Maria Rilke, T. S. Eliot, entre outros.

Com o passar dos anos, muitos estudos foram feitos sobre o suplemento da *Folha do Norte* e sobre sua história, mas muito pouco se fala sobre as traduções publicadas no jornal, mesmo em teses conceituadas como a de Marinilce Oliveira Coelho, *Memórias literárias de Belém do Pará: o grupo dos novos (1946 - 1952)*, ou a dissertação de mestrado de Dawdison Soares Cangussu, *O epicentro do hotel central: arte e literatura em Belém do Pará, 1946-1951*. Nesses trabalhos, utilizados como bibliografia para a produção deste artigo, apenas parte de um parágrafo é dedicado a este assunto. No entanto, essas traduções foram muito importantes para o diálogo cultural entre Belém e outros Estados do Brasil, e até entre Belém e outros países.

A época da publicação do periódico em estudo foi um momento de intensas transformações no Brasil. Esse período também foi um tempo de reafirmação da literatura nacional, especialmente porque o que era importante em termos literários agora não fazia parte somente do eixo Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Era um momento em que outras regiões do país, como o Norte e o Nordeste, começaram, por meio de revistas e periódicos literários, a mostrar ao Brasil as produções de seus autores locais. Foi um momento de intensas trocas de experiências, pois agora o país se unia para sair em busca de novas estéticas literárias que pudessem ser integradas a sua literatura.

Os *Novos* modernistas paraenses puderam, com este novo suporte [suplemento da *Folha do norte*], expor seus escritos ao grande público e, sobretudo, acompanhar e dialogar com as novas tendências da literatura nacional e internacional. A partir desse encarte, frisa Benedito Nunes,

“criou-se um espírito comum na maneira de sentir e de pensar o mundo e a literatura” (CANGUSSU, 2010, p. 28).

Para essa reafirmação literária foi importante também a comunicação que essas revistas e esses periódicos faziam com literatos de fora do Brasil. A partir disso, em especial na *Folha do Norte*, tornaram-se acessíveis, por meio das traduções, textos de importantes autores que escreviam em francês, inglês, espanhol ou alemão. Textos, os quais eram tidos como modelo para essa formação literária da região.

O ensaísta francês Antoine Berman (2002), em seu livro *A prova do estrangeiro*, em um capítulo intitulado *A Bildung e a exigência da tradução*, faz uma relação do termo alemão *Bildung* com o uso das traduções como agente de formação cultural em diferentes épocas e países. Ele começa, pois, por explicar o conceito de *Bildung*:

O que é então a *Bildung*? Ao mesmo tempo um processo e seu resultado. Pela *Bildung*, um indivíduo, um povo, uma nação, mas também uma língua, uma literatura, uma obra de arte em geral se formam e adquirem assim uma forma, uma *Bild*. A *Bildung* é sempre um movimento em direção a uma forma que é uma *forma própria*. É porque, no início, todo ser é privado de sua forma (BERMAN, 2008, p. 80, grifo do autor).

Os tradutores que publicavam na *Folha do Norte* estavam, portanto, fazendo este movimento em direção a uma forma própria. No momento em que traduziam, começavam um percurso de saída de si mesmo em direção ao outro, em direção às propostas estéticas que, para eles e para quem compartilhava de sua literatura, eram novas e desconhecidas. Assim, desejosos de compartilhar das novas propostas literárias que vinham de fora, eles traduziam, afim de que a Forma daqueles textos que eram traduzidos pudesse ser apreendida e mostrada para seus comuns. Vemos um exemplo desse interesse pela Forma no poema “Torso arcaico de Apolo”, traduzido por Manuel Bandeira, que será comentado a seguir nesse artigo.

Com isso, vemos que estes tradutores, a partir de suas traduções, usa-

vam os textos estrangeiros não para fazer cópias, mas como um modelo do que era o Modernismo nos países onde esse movimento teve início e grande desenvoltura. “Ele [o *Vorbilde*, o modelo] é forma, ou até mesmo a norma à qual a *Bildung* deve se referir, sem ter de copiá-la” (BERMAN, 2008, p. 89).

A tradução é, portanto, usada no suplemento como meio para que esse movimento em busca de uma forma própria ocorra. Berman (2002) aponta, em seu texto, essa relação que a tradução tem com a *Bildung*:

Ela [a *Bildung*] está intimamente relacionada com o movimento da tradução: pois este parte, [...], do próprio, do mesmo (o conhecido, o cotidiano, o familiar), para ir em direção ao estrangeiro, ao outro (o desconhecido, o maravilhoso, [...]) e, a partir dessa experiência, retornar ao seu ponto de partida (BERMAN, 2008, p. 84).

### **Mapeamento das traduções de poemas em língua alemã do suplemento da *Folha do Norte***

Percebendo, portanto, a grande importância que as traduções publicadas no jornal já citado tiveram para a comunicação da Região Norte com o restante do Brasil e com o mundo; bem como o papel formador que desempenharam para os escritores e para a literatura da época, faremos, aqui, um breve estudo sobre elas, recortando especificamente as traduções de poemas de língua alemã publicadas no suplemento *Arte-literatura* da *Folha do Norte*.

Nesse contexto, vemos escritores da região Norte, como, por exemplo, Paulo Plínio Abreu e Mário Faustino, envolvidos nas traduções de poemas alemães; e entre eles também figuram importantes autores já bastante atuantes na literatura no Sudeste do Brasil, tais como Manuel Bandeira e Cecília Meireles; neste meio aparecem também traduções de poemas alemães feitas por autores portugueses, como Alexandre Herculano de Carvalho e Paulo Quintela; e traduções de autores menos conhecidos, como João Mendes, Manuel Cavalcanti, Amaury Caeiro e Silvio Macedo.

Uma descoberta curiosa que fizemos ao realizar essa pesquisa foi en-



contrar dois poemas traduzidos por Alexandre Herculano na *Folha do Norte*. A pátria de Hölderlin, e *Morte de Isolda* de Richard Wagner. Pois muitos conhecem Herculano como escritor, poeta, jornalista e historiador da época do romantismo português, mas muito pouco se comenta sobre ele como tradutor. Contudo, como o desenvolvimento da teoria da tradução se deu em especial na época do romantismo, este autor teve também um importante papel neste trabalho. Fazia traduções do francês, do inglês, do latim e do alemão, tal como vemos na dissertação de mestrado de Maria Felipa Oliveira (2008) intitulada *Alexandre Herculano e a tradução* para a Universidade Aberta. Essa dissertação, mesmo contendo referências importantes, como *Obras completas de Alexandre Herculano*, em nenhum momento cita que Herculano traduziu qualquer trabalho de Hölderlin ou de Wagner, demonstrando que essas obras são, de certa forma, desconhecidas pelo grande público.

No entanto, publicadas na *Folha do Norte*, essas e outras traduções ganharam um novo papel. Alfredo Oliveira (1990), em seu livro *Paranatinga*, cita uma fala de Ruy Barata, mostrando tal papel: “A tradução de poetas estrangeiros que considerávamos importantes ganhou uma função didática de relevo” (OLIVEIRA, 1990, s.p.).

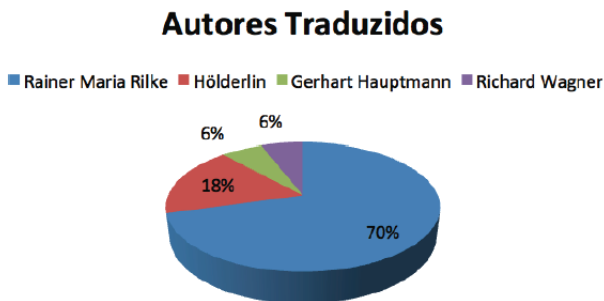
O autor de língua alemã mais traduzido na *Folha do Norte* é Rainer Maria Rilke, com um total de 12 poemas traduzidos (70,7% dos poemas de língua alemã), em segundo lugar, temos as traduções dos poemas de Hölderlin, 3 poemas (17,6%), em seguida, temos poemas de outros autores como Gerhardt Hauptmann, 1 poema (5,9%), Richard Wagner, 1 poema (5,9%).

O autor que mais traduziu os poemas de Rainer Maria Rilke na *Folha do Norte* foi o português Paulo Quintela (3 poemas traduzidos), seguido do brasileiro e paraense Paulo Plínio Abreu (2 poemas traduzidos), após estes, encontramos, também, Amaury Caeiro, Silvio Macedo, Cecília Meireles, Mário Faustino, Manuel Cavalcanti, João Mendes e Manuel Bandeira, todos com 1 poema de Rilke traduzido. Em seguida temos Hölderlin, com 2 poemas traduzidos por Manuel Bandeira e 1 por Alexandre Herculano de Carvalho.

E, para finalizar este mapeamento, temos 1 poema de Gerhardt Hauptmann, traduzido por Manuel Bandeira; e 1 poema de Richard Wagner, traduzido por Alexandre Herculano de Carvalho.

Os dados citados acima podem ser mais facilmente visualizados pelos gráficos 1 e 2, a seguir:

**Gráfico 1: Autores traduzidos**



**Gráfico 2: Traduções por autor**



## **Análise do poema “Torso arcaico de Apolo”**

Enfocando a questão do trabalho comparado entre os originais e as traduções dos poemas publicados no suplemento em estudo, faremos, aqui, um breve comentário sobre o poema “Torso arcaico de Apolo”, de Rainer Maria Rilke, traduzido por Manuel Bandeira e publicado no suplemento da *Folha do Norte*.

Segundo Marcelo Rondinelli (2011), em artigo intitulado *Um “Torso” a nos mirar*, traduzido por Mário Faustino, o poema “Torso arcaico de Apolo” foi traduzido por Manuel Bandeira, na década de 1940, e publicado, pela primeira vez, no livro *Poemas traduzidos*, em 1945. Rondinelli (2011) afirma que o poema também foi traduzido no Brasil posteriormente por Mário Faustino e publicado em artigos de jornal em 1950, estando presente na coletânea organizada por Benedito Nunes: *Poesia completa/poesia traduzida* (1985). Além disso, o poema também foi traduzido por Ivo Barroso e publicado em *O torso e o gato*, em 1991.

Já na *Folha do Norte*, o poema citado aparece na edição de número 15, do suplemento *Arte-literatura*, no dia 10 de novembro de 1946. Rondinelli (2011, p.1) afirma que o poema *Arcaischer Torso Apollos*, no original, foi “um dos [poemas] mais importantes do século XX” e “teria sido inspirado pela observação de uma escultura de Miletos do século V a. C. em visita do poeta [R. M. Rilke] ao museu do Louvre” (RONDINELLI, 2011, p.1). Segundo o autor, nessa época Rilke trabalhava como secretário do escultor francês Augusto Rodin.

O poema faz parte dos *Ding-Gedichte* (poema-coisa) de Rilke, que eram poemas muito ilustrativos de objetos que o poeta via, ele escrevia como se tirasse uma fotografia.

Apresentamos, abaixo, na tabela 1: Original e tradução, o poema original de R. M. Rilke e a tradução feita por Manuel Bandeira:

**Tabela 1: Original e tradução**

<b><i>Archaische Torso Apolos</i></b> <b>Rainer Maria Rilke</b>	<b><i>Torso arcaico de Apolo</i></b> <b>Tradução de Manuel Bandeira</b>
<i>Wir kannten nicht sein unerhörtes Haupt, darin die Augenäpfel reiften. Aber sein Torso glüht noch wie ein Kandelaber, in dem sein Schauen nur zurückgeschraubt</i>	Não sabemos como era a cabeça, que falta de pupilas amadurecidas. Porém o torso arde ainda como um candelabro e tem, só que meio apagado, a luz do olhar, que salta
<i>sich hält und glänzt. Sonst könnte nicht der Bug der Brust dich blenden, und im leisen Drehen der Lenden könnte nicht ein Lächeln gehen zu jener Mitte, die die Zeugung trug.</i>	E brilha. Se não fosse assim, a curva rara do peito não deslumbraria, nem achar caminho poderia com um sorriso e baixar da anca suave ao centro onde o sexo se altera.
<i>Sonst stünde dieser Stein entstellt und kurz unter der Schultern durchsichtigem Sturz und flimmert nicht so wie Raubtierfelle</i>	Não fosse assim, seria essa estátua mera pedra, um desfigurado mármore, e nem já resplandecera mais como pele de fera.
<i>und bräche nicht aus allen seinen Rändern aus wie ein Stern: denn da ist keine Stelle, die dich nicht sieht. Du musst dein Leben ändern.</i>	Seus limites não transporia desmedida como uma estrela; pois ali ponto não há que não te mire. Força é mudares de vida.

O poema original é um soneto que apresenta 10 sílabas métricas, e seu esquema rímico é ABBA CDDC EEF GFG.

Mário Laranjeira (2003), em seu livro intitulado *Poética da tradução*, vem nos mostrar, por meio de uma citação de Roman Jakobson em *Essais de linguistique générale*, que “[...] a poesia, por definição, é intraduzível. Só é possível a transposição criativa: a transposição no interior de uma língua – de uma forma poética para outra –, transposição de uma língua para outra [...]” (LARANJEIRA, 2003, p.27).

É, portanto, o que percebemos na tradução de Bandeira: uma espécie de “transposição criativa”, pois a sua tradução é uma recriação do poema original. A estrutura do poema traduzido apresenta muitas semelhanças com o original. Percebemos, pois, que a forma do poema original foi repassada para a tradução com algumas pequenas mudanças. A tradução também tem a forma de um soneto, mas com 12 sílabas métricas e seu esquema rímico é ABBA CDDC EFE GFG. Nesse esquema, percebemos uma pequena modificação apenas no primeiro terceto, onde no original vemos o esquema rímico EEF e na tradução EFE.

O esquema de rimas da tradução se assemelha bastante ao original no que tange à cadência acentual das rimas A (cadência acentual no começo ou no meio da palavra da rima), B (cadência acentual no começo ou no fim da palavra da rima) e G (cadência acentual no começo ou no meio da palavra da rima). As demais rimas diferem do original na posição da cadência acentual na palavra da rima.

O significado de algumas palavras foi também bastante alterado na tradução e alguns aspectos foram acrescentados. Podemos constatar isso já no primeiro verso do poema, visto que no original encontramos “*Wir kannten nicht sein unerhörtes Haupt*”, traduzindo-o literalmente obteríamos o seguinte verso: **Nós não conhecíamos sua cabeça desconhecida**. Manuel Bandeira o traduz da seguinte forma: “Não sabemos como era a cabeça, que falta”. Uma tradução um tanto curiosa, pois *unerhörtes* constitui-se como um termo de difícil tradução, o qual pode significar desconhecido, nunca visto, ou até inaudito, entre outros significados. O tradutor, no entanto, apesar de sua fluência e de seu conhecimento apurados da língua alemã, ignora essa palavra e acrescenta, no final do verso, após uma vírgula, que não existe, no original, um “que falta”, mas isto não por acaso e sim para acompanhar o esquema rítmico

do original, rimando “falta” com “salta”, palavra que aparece no quarto verso da primeira estrofe do poema traduzido. Além desta, muitos acréscimos e recriações foram feitos durante a tradução, mas a forma do poema foi bem pouco alterada. Inclusive podemos notar que o tradutor tentou reproduzir a cadência acentual diferenciada do primeiro verso da segunda estrofe que, no original, aparece da seguinte forma: 2-4-5-6-8-10, tal como nos mostra Marcelo Rondineli (2011); na tradução, a cadência acentual é apresentada com uma leve diferença, segundo analisamos: 2-5-6-8-10-12.

Podemos, com isso, confirmar o que já foi dito anteriormente sobre a questão da *Bildung*. O tradutor parte do que era próprio, conhecido, de sua língua, para ir em direção ao outro, ao desconhecido, a um poema alemão. Ao se deparar com o poema estrangeiro, o autor irá trabalhar sobre ele, e trará de volta para o conhecido, para o ponto de partida - a língua materna - o que para ele for significativo. Nesse caso, o autor se utilizou bastante da forma do original para criar um poema próprio, a sua tradução.

Pelo que se constata em nossas pesquisas, a tradução de *Archaische Toroso Apollos* por Manuel Bandeira foi a primeira tradução deste poema a ser publicada no Brasil. Pelo menos não encontramos nenhuma fonte anterior a ela, e, apresentando recursos estilísticos próprios, vem desenhar o tão belo “Torso arcaico de Apolo” de forma tão original quanto o poema escrito pelo próprio Rilke, pois já diz Mário Laranjeira (2003) em seu *Poética da tradução* que “cada tradução é tão única quanto o original” (LARANJEIRA, 2003, p.39).

### **Uma breve conclusão**

A partir dos estudos realizados, pudemos constatar que Belém não estava exatamente isolada do resto do Brasil em termos literários, e que o movimento Modernista não era uma novidade a se instaurar na Região, mas sim que, na verdade, Belém, assim como outras cidades do Norte e do Nordeste do Brasil, agora passava a ter importância literária para o país, o que fez com que o foco dos acontecimentos literários deixasse de ser apenas o eixo Minas Gerais-Rio de Janeiro-São Paulo e passasse agora a ser mais distribuído por outras regiões.

Pudemos perceber, também, a importância que a tradução tem para o diálogo e para a formação cultural, pois, a partir dela, a literatura local de Belém passou a se desenvolver em contato com novas estéticas literárias de outros estados e países, passando, assim, a acrescentar aos textos de autores da Região o que era novo e desconhecido, e que estava presente nos textos estrangeiros.

## REFERÊNCIAS

BERMAN, A. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica.** Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC, 2002.

CANGUSSU, D. S. Do livro datilografado ao jornal impresso: suplemento literário da Folha do Norte – uma evolução no suporte do escrito e da escrita em Belém do Pará, 1942-1951. *ArsHistorica*, Belém. n1, p. 25-33. 2010.

\_\_\_\_\_. **O epicentro do hotel central: arte e literatura em Belém do Pará, 1946-1951.** 2008. Dissertação (Mestrado). DEHIS, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

COELHO, M. O. **O Grupo dos Novos (1946-1952): Memórias Literárias de Belém do Pará.** 2003. Tese (Doutorado). Departamento de Teoria e História Literária. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

LARANJEIRA, M. **Poética da tradução.** São Paulo: EDUSP, 2003.

NUNES, B. **Eu e Haroldo.** SECULT. Belém, 2006.

OLIVEIRA, A. **Ruy Guilherme Paranatinga Barata.** Belém: Cejup, 1990.

OLIVEIRA, M. F. A. de S. **Alexandre Herculano e a tradução.** 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade Aberta, Portugal, 2008.

SANTIAGO, R. N. D. A tradução de poemas de língua alemã no jornal *Folha do Norte*

RONDINELLI, M. Um “Torso” a nos mirar, traduzido por Mário Faustino. In: 8ª SEMANA DE HUMANIDADES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2011, Ceará.